

# Evidências de validade da escala de autoeficácia infantil para o contexto brasileiro

Adriana Raquel Morales 1<sup>1</sup>

Pesquisadora do Programa  
Adventista de Evaluación  
Educativa (PAEE) 1  
Brasília, DF, Brasil  
[adriana.morales@adventistas.org](mailto:adriana.morales@adventistas.org)

Laura B. Oros 2<sup>2</sup>

CONICET / Pontificia Universidad  
Católica Argentina / CIICSAC 2  
Buenos Aires, Argentina  
[lauraorosb@gmail.com](mailto:lauraorosb@gmail.com)

Girlene Ribeiro de Jesus 3<sup>3</sup>

Universidade de Brasília 3  
Brasília, DF, Brasil  
[girlene@unb.br](mailto:girlene@unb.br)

## Resumo

O objetivo do presente estudo é verificar evidências de validade com base na estrutura interna das dimensões de Autoeficácia acadêmica e social da Escala Argentina de Autoeficácia Infantil no contexto brasileiro. A versão original argentina consiste de 18 itens, organizados em três fatores: (1) social, (2) acadêmico e (3) físico. No presente estudo não será utilizado fator físico de autoeficácia. O processo de adaptação do conteúdo foi realizado por meio de tradução e tradução reversa, adaptação semântico-cultural e análise de juízes. A escala foi aplicada em 12.931 estudantes do 5º ano do ensino fundamental da Rede Adventista de Educação no Brasil. Por meio da Análise Fatorial Confirmatória verificou-se que um modelo bifatorial: autoeficácia social e autoeficácia acadêmica, se ajustou adequadamente à população brasileira. Com base nos resultados encontrados, conclui-se que as subescalas de Autoeficácia acadêmica e social possuem evidências robustas, que corroboram sua validade e conseqüente uso no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Autoeficácia infantil; Evidências de validade; Adaptação cultural.

---

<sup>1</sup> O autor agradece à Divisão Sul-Americana da IASD pelo apoio.

<sup>2</sup> O autor 2 agradece à Divisão Sul-Americana da IASD pelo apoio.

<sup>3</sup> O autor 3 agradece à Divisão Sul-Americana da IASD pelo apoio.

## **1 Introdução**

Definida por Bandura (1986), a autoeficácia pode ser vista como "os julgamentos das pessoas sobre suas capacidades para organizar e executar cursos de ação necessários para atingir determinados tipos de desempenho" (p. 391). Nesse contexto, um funcionamento pessoal eficaz não é simplesmente saber o quê, o como e o ser motivado para fazer uma tarefa, nem é sobre a certeza da eficácia dos outros. A autoeficácia percebida não está relacionada a um determinado número de habilidades que se possui, mas sim ao que se acredita que se possa fazer em diferentes circunstâncias.

Os indivíduos não nascem com autoeficácia, ela se constrói com as informações das experiências vividas e com a forma como são avaliadas e processadas cognitivamente. O sistema de crenças de capacidade se desenvolve e varia ao longo da vida por meio de diferentes fontes (OLIVEIRA FERNANDEZ et al., 2016). A autoeficácia pode influenciar as aspirações e o nível de motivação, perseverança diante das dificuldades, resiliência diante das adversidades, como pensamento analítico, atribuição causal de sucesso ou fracasso e outros aspectos (MEDEIROS et al., 2000). A autoeficácia tem um alto poder interpretativo e preditivo dos sucessos e fracassos no decorrer da vida (BANDURA, 1997).

Bandura (1994) relata que o desenvolvimento da autoeficácia se dá ao longo da vida de forma intuitiva. Indivíduos se envolvem em atividades, interpretam os resultados de suas ações, usam essa interpretação para desenvolver crenças sobre sua capacidade e, ao envolverem-se em futuras atividades em domínios similares, agem de acordo com as crenças que criaram. As primeiras experiências sobre eficácia estão centradas na família. Mas, como o mundo social da criança se expande rapidamente, as amizades adquirem um importante papel. Nas relações com seus colegas, a criança alarga o autoconhecimento de suas capacidades. Na escola, suas habilidades e seu conhecimento são continuamente testados e socialmente comparados. Nesse contexto, elas desenvolvem um crescente senso de sua eficácia.

Durante o período formativo, os professores exercem um papel fundamental na construção da eficácia intelectual da criança. A avaliação que ela faz de suas capacidades são fortemente afetadas pela forma como o professor avalia sua

performance e auxilia no desenvolvimento de suas habilidades em manejar as atividades escolares (PIRES, 2009).

Momentos-chave da influência do meio ambiente no desenvolvimento do indivíduo ocorre na fase escolar. Esse período tem as influências ambientais mais relevantes para o desenvolvimento psicossocial da criança, por proporcionar contatos sociais e interpessoais além do seu círculo familiar (GOMES; SOARES, 2013).

No que se refere especificamente ao ambiente escolar, diversos estudos têm sido realizados com crianças e adolescentes para investigar a relação entre as crenças de autoeficácia e diferentes processos associados ao desempenho acadêmico e ao ambiente escolar. Na maioria dos casos, as dimensões da autoeficácia mais fortemente relacionadas têm sido a acadêmica e a social (GARCÍA-FERNÁNDEZ et al., 2016; ESTEBAN; ALARCÓN et al., 2019; XXXX et al., 2021).

Infelizmente, no Brasil ainda não se dispõe de escalas validadas que avaliem a autoeficácia infantil. Dos estudos encontrados no Brasil sobre autoeficácia infantil a maioria é da área da psicologia. Por exemplo, há um trabalho publicado por Medeiros et al. (2000), que investigaram as relações entre o desempenho acadêmico, o senso de autoeficácia e os aspectos comportamentais em 52 crianças de oito a onze anos de idade. Esse estudo utilizou como instrumento para avaliar a autoeficácia um roteiro de avaliação. Além disso, Cruvinel e Boruchovitch (2009) realizaram um estudo comparando crianças com e sem sintomatologia depressiva com o objetivo de avaliar o autoconceito e a autoeficácia de 54 estudantes de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental.

Além desses estudos, Oliveira, Matsukura e Fontaine (2017) realizaram uma análise na literatura que objetivou identificar estudos que tratavam sobre o autoconceito e a autoeficácia em crianças com deficiência física. Este estudo, na área da educação especial, sugere a necessidade de mais investigações acerca da relação entre autoconceito e autoeficácia em crianças com deficiência física.

Considerando o exposto, que evidencia a escassez e, ao mesmo tempo, a necessidade de estudos que tratem sobre a autoeficácia no âmbito da educação, o presente trabalho tem como objetivo levantar evidência de validade com base no conteúdo e na estrutura interna da *Escala argentina de Autoeficácia Infantil* de XXXX (2017), construída com base na importância que tem a parte social,

acadêmica e desportiva na vida das crianças e adolescentes com idade entre 8 e 13 anos. Na presente pesquisa, foi realizada a adaptação para o português e o levantamento de evidências de validade de duas das três subescalas, a saber: Autoeficácia Social e Autoeficácia Acadêmica, pois são as escalas que possuem associação mais direta com o rendimento escolar dos estudantes.

## 2 Metodologia

O presente estudo fez uso do método quantitativo. Foi realizado um estudo com a finalidade de levantar evidências de validade da Escala de Autoeficácia Infantil - EAI (XXXX, 2004). A EAI é um instrumento de autorrelato, originalmente desenvolvido para meninos e meninas argentinos de 8 a 13 anos de idade. É composto por 18 itens distribuídos fatorialmente em três dimensões: Autoeficácia Acadêmica - AA (6 itens), Autoeficácia Social - AS (6 itens) e Autoeficácia Esportiva – AE (6 itens). Cada item é respondido em uma escala Likert com três opções: Sim, Às vezes, Não. Na presente pesquisa, foram utilizadas duas subescalas: Autoeficácia Acadêmica e Autoeficácia Social. Foi realizada adaptação cultural do instrumento, com tradução e tradução reversa. Também foi realizada análise fatorial confirmatória considerando a estrutura original da EAI.

A EAI foi aplicada a 12.931 estudantes, sendo 50,3% do sexo masculino e 48,3% do sexo feminino, matriculados no 5º ano do ensino fundamental em 904 escolas da Rede Educacional Adventista. A amostra inclui estudantes das cinco regiões do Brasil: Norte (14,3%), Nordeste (9,2%), Centro-Oeste (11,7%), Sudeste (43,4%) e Sul (21,4%). O instrumento foi respondido no formato online.

## 3 Resultados

A tradução e tradução reversa garantiu a confiabilidade do conteúdo das escalas. A AFC realizada neste estudo foi executada por meio do *r Studio*, tendo como método de estimação o *Diagonally Weighted Least Squares* (DWLS) – Mínimos Quadrados Ponderados Diagonalmente.

Alguns índices são importantes para o ajuste do modelo, como o AGFI (Adjusted Goodness of Fit Index), que é uma medida da quantidade relativa de (co)variância na matriz de covariância observada que pode ser predita pelo modelo, com um ajuste pelo número de graus de liberdade relativo ao número de variáveis. O CFI (Comparative Fit Index), que compara o modelo obtido com com uma

distribuição  $\chi^2$  não-central. Ambos possuem valores desejáveis índices superiores a 0,90 (BYRNE, 2001).

Ademais, faz parte das estatísticas de ajuste o RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation), descrito como a discrepância por grau de liberdade – ou seja, a falta de ajuste dado um número particular de parâmetros no modelo testado. Esse índice foi reconhecido como um dos critérios mais informativos na estrutura do modelo de covariância. O RMSEA considera o erro de aproximação para a população e questiona o seguinte: “quão bem o modelo se ajusta à matriz de covariância da população, se ela estivesse disponível?”. Valores inferiores a 0,05 para RMSEA indicam um bom ajuste (BYRNE, 2001).

Considerando todos os índices da AFC, especialmente o RMSEA, verifica-se que o modelo teórico, composto por dois fatores, se ajusta bem aos dados brasileiros. Ou seja, a estrutura teórica, com dois fatores, pode ser confirmada (Ver Tabela 1).

Tabela 1: **Coefficientes de ajuste da análise fatorial confirmatória realizada com dois fatores previstos na teoria.**

Modelo	<i>f</i>	$\chi^2$	<i>p</i>	AGFI	CFI	RMSEA	SRMR
Teórico	3	1468	0,01	0.982	0.963	0.045	0.045

**Nota:** Calculado no R, método de extração *Diagonally Weighted Least Squares* (DWLS) – Mínimos Quadrados Ponderados Diagonalmente.

Os resultados da AFC indicaram que a estrutura original foi replicada de forma adequada e válida aos dados brasileiros. A versão brasileira conserva o modelo operacional original, composto por duas dimensões e a mesma quantidade de itens, com cargas fatoriais apropriadas. Uma exceção foi o item 5 “É difícil ser simpático com as pessoas”. É possível que o termo *simpático* tenha sido interpretado de diferentes maneiras pelos estudantes, gerando uma variabilidade nas respostas além do esperado. Seria desejável em estudos futuros revisar essa palavra a fim de garantir uma melhor adaptação da mesma.

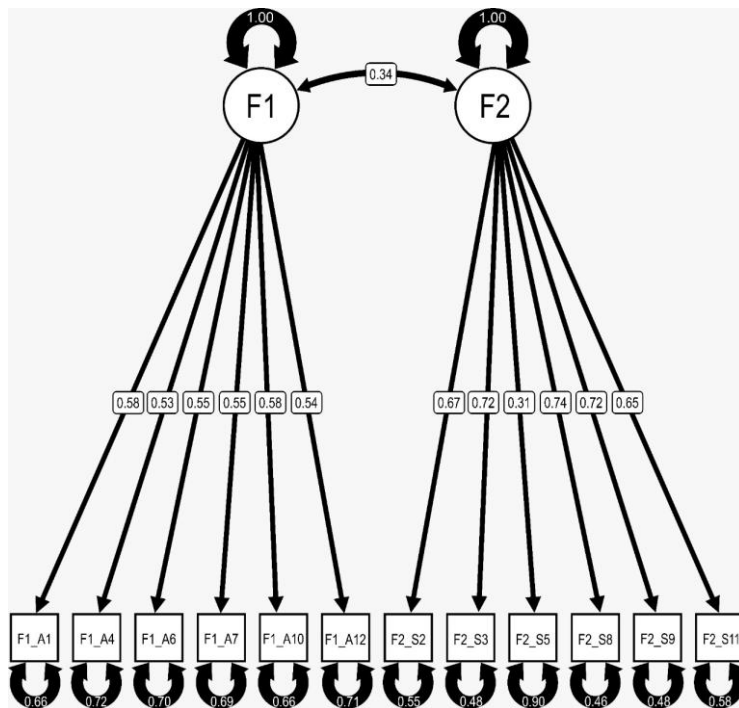


Figura 1 – Resultado da AFC para a escala de autoeficácia infantil

## 4 Conclusões e Considerações Finais

Pode-se concluir, que a escala de autoeficácia infantil, composta pelos fatores: acadêmico e social, apresenta parâmetros psicométricos adequados para ser utilizada no contexto brasileiro.

## 5 Referências

- BANDURA, Albert. **Self-Efficacy**. The exercise of control. New York: W.H. n Freeman and Company, 1997.
- BANDURA, Albert. Self-Efficacy. In: V. S. Ramachandran (Ed.), **Encyclopedia of Human Behavior**, New York: Academic Press, v. 4, p. 71-81, 1994. Disponível em: [https://www.scirp.org/\(S\(lz5mqp453edsnp55rrgjct55\)\)/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1539276](https://www.scirp.org/(S(lz5mqp453edsnp55rrgjct55))/reference/ReferencesPapers.aspx?ReferenceID=1539276). Acesso em: 25 ago. 2022.
- BANDURA, Albert. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory**. Washington, DC, USA: APA, 1986.
- BYRNE, Barbara Moakler. **Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- ESTEBAN CORNEJO, Irene; FRAILE-GARCÍA, Javier; TEJERO GONZÁLEZ, Carlos Maria; VEIGA, Óscar. Asociación entre disfrute, autoeficacia motriz, actividad física y rendimiento académico en educación física. **Retos**, Jaén, España, v. 36, p. 58-63, 2019.
- GARCÍA-FERNÁNDEZ, José Manuel; DÍAZ-HERRERO, Ángela; INGLÉS, Cándido J.; TORREGROSA, María Soledad; LAGOS-SANMARTÍN, Nelly; GONZÁLVEZ, Carolina. Capacidad predictiva de la autoeficacia académica sobre las dimensiones del autoconcepto en una muestra de adolescentes chilenos. **Estudios Sobre Educación**, Pamplona, España, v. 30, p. 31–50, 2016.